

O AMOR EM GRAMSCI

Professor Doutor NILSON BORGES FILHO
CPGD/UFSC

"Nada se perde se se conserva intacta a consciência e a fé, se os corpos se rendem, mas não as almas" .

(A. GRAMSCI)

1 - O AMOR EM VERSO

Dizer que o amor é temática preferida dos poetas não quer dizer muito em termos de novidade. Na verdade, os poetas atravessam a vida obcecados em decantar o amor. CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, já bem próximo da morte, dedicava-se, ainda, a escrever seus poemas de amor.

Alguns poetas cantam o amor, outros a mulher amada. CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE cantava o amor, mas nunca a mulher amada. Seu canto amoroso oscilava entre a ironia e a amargura e, às vezes, transitava pela doçura. O poeta que cantava o amor tinha

medo de amar e ironicamente disfarçava este medo: *"João que amava Tereza que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém"*.

Ao contrário de CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, VINÍCIUS DE MORAIS, além de cantar o amor: *"Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure"*, cantava, também, a mulher amada: *"ó minha amada / que olhos os teus / são cais noturnos de adeus"*.

Mas nada melhor do que ver o amor através da música e, por que não, segundo o intimismo de CAETANO VELOSO: *"Qualquer maneira de amor vale a pena / qualquer maneira de amor vale amar"*.

Se para os poetas falar sobre amor é uma dessas questões fundamentais, que de maneira explícita se constitui na essência de suas obras, para os demais mortais escrever sobre o amor é como se estivessem alterando a ordem natural das coisas. E, se dentre os demais mortais, encontram-se juristas, cientistas políticos e, em menor escala, filósofos, está aí um bom motivo para serem ridicularizados, deplorados e censurados por aqueles que amam sem amor.

Os colegas que coordenaram este seminário me incluíram no último módulo - Mesa Redonda Invisível - que, segundo entendi, seria uma linha aberta para, sem qualquer compromisso de recorte temático, falar sobre amor. Se por um lado me sinto livre para tratar do assunto, de outro pesa sobre mim a responsabilidade da escolha do título: O Amor em Gramsci.

GRAMSCI, certamente se fosse vivo não me perdoaria por

esta intromissão à sua privacidade. Se me cabe algum atenuante é pelo cuidado e a delicadeza que tive em trabalhar este texto e fazer com que seja compartilhado por todos que aqui estão e que aspiram transformações radicais da ordem social e política deste país. *ESPINOSA* dizia o seguinte no seu *Tratado Político*: "*Tive todo o cuidado em não ridicularizar as paixões humanas, nem lamentá-las ou detestá-las, mas compreendê-las*". É desta forma que me posiciono, no particular, a *GRAMSCI*.

A idéia deste texto é apresentar um outro lado de *ANTÔNIO GRAMSCI*, aquele lado obscuro da sua vida, a trágica e desesperadora luta que travou contra a solidão, o desamor e a doença. Mas, em se tratando de *GRAMSCI*, este lado não está separado daquele outro que o tornou o mais luminoso teórico da revolução socialista no Ocidente.

Na mesma medida que tive o cuidado e a delicadeza em trabalhar este texto, procurei não desfazer a imagem de herói de *ANTÔNIO GRAMSCI*, nem a sua grandeza moral, cuja dimensão está acima da dor, do sofrimento e do desamor.

2 - O AMOR EM PROSA

São diversas as designações para a palavra amor: afeto, desejo, paixão, etc. A Língua Portuguesa dá conceitos diferenciados para a amplitude da palavra amar, como gostar, querer bem. Assim como

pode-se utilizar a palavra amor para dizer que se está apaixonado, pode-se utilizá-la para afirmar que se quer bem uma determinada pessoa, da mesma forma como a expressão "fazer amor" significa o ato erótico, isto é, a relação sexual.

Em latim o verbo "amare" tem dois sentidos: o primeiro, originalmente, quer dizer o amor erótico; o segundo significa estar apaixonado, ou seja, gostar amorosamente. Por outro lado, o verbo "diligere" não está implícito a força erótica de "amare" nem o sentido de querer bem, a dileção, a estima.

Já no grego existem quatro palavras para dizer amor. O "erao", que vem de "eros", é o amor no sentido amplo e que também é o amor sexual; tem o "filéo", de "filo", que quer dizer amigo, ou seja, o amor de amizade; tem o termo "agapáo", daí ágape, no sentido de comunhão, banquete, mas a idéia é de satisfação, satisfazer no sentido de prazer; tem, finalmente, a palavra "stergo" que significa amar alguém no sentido amistoso, parental.

Quanto a paixão em grego, existem duas palavras; uma que significa sofrimento - "panthós" - e vem de "pascho", sofrer; a segunda, "timós", quer dizer coragem, ou seja, atitude positiva de tomar iniciativa.

Da mesma forma que são diversas as designações para a palavra amor, são muitas as formas de amor: amor físico, amor materno, amor amigo, amor a Deus, etc. PLATÃO distinguia três classes de amor: o amor do corpo, o amor da alma e o terceiro como mistura dos dois - e que, em tese, era o desejo de algo que não se possui.

SÓCRATES, que também se ocupou da temática, dizia que o amor era a única coisa que ele era capaz de entender e podia falar com conhecimento de causa. Mas foi *EMPÉDOCLES* o primeiro filósofo que utilizou a idéia de amor num sentido cósmico - metafísico, de forma tal que considerava o amor e o conflito, ou a luta, os princípios, respectivamente, da união ou separação dos elementos que constituem o universo.

Na concepção cristã, o amor se confunde com caridade sendo que a caridade ou amor, juntamente com a fé e a esperança são as três virtudes teológicas, e delas o amor é a mais importante. Para *SANTO AGOSTINHO*, a caridade é a virtude que ama o que deve ser amado, ao passo que *SÃO TOMÁS DE AQUINO* definiu a caridade como uma virtude sobrenatural que faz possível as virtudes naturais (humanas) tornarem-se plenas e verdadeiras já que nenhuma virtude é tão verdadeira sem a caridade.

ESPINOSA tratou do amor intelectual a Deus: "A mente de Deus pode fazer com que todas as afeições do corpo ou Imagem das coisas se refiram a Deus (...) e que compreende clara e distintamente seus afetos a Deus, da mesma maneira que quanto melhor entendemos as coisas singulares, mais se compreende a Deus". Em conseqüência, segundo ainda *ESPINOSA*, o maior logro da inteligência e sua maior virtude é compreender as coisas mediante a terceira espécie de conhecimento, da qual surge, necessariamente, o amor intelectual a Deus.

Se *ESPINOSA* tratava do amor intelectual a Deus, *JEAN PAUL*

SARTRE examinava o amor em sua análise do "ser para o outro", isto é, das relações concretas do "para si" com "o outro". Segundo SARTRE, o amor, como toda relação concreta, enfrenta e liga os seres humanos estabelecendo uma rede direta com a liberdade "do outro", por isso amor requer a liberdade do amado, ou seja, o amante necessita ser livremente amado, pelo objeto de seu amor. O conflito que o amor revela é o conflito da liberdade.

A primeira vista, este cenário pode levar aos menos avisados como um enfoque fora do contexto da temática AMOR EM GRAMSCI. Todavia, convém alertar, que para uma melhor compreensão do sentimento de amor que norteou toda a vida de GRAMSCI nas suas mais diferentes interpretações e formas, é fundamental que se conheça os diversos tipos de amor e as interpretações que os filósofos lhe deram.

Por toda a vida, GRAMSCI conviveu com a dor e o sofrimento, sentiu o desamor e a indiferença de amigos e da mulher *Júlia*, mas poucos amaram tanto por tão pouco que receberam. Como muito bem dizia seu amigo TERRACINI, GRAMSCI foi negligenciado e desconhecido por muitos dos que, ao contrário, deveriam tê-lo amado e honrado bem mais intensamente.

Somente àqueles que tiveram um real discernimento do que seja **amor**, absorveram o sentido etimológico da palavra **amor** e entenderam as diversas interpretações concebidas pelos filósofos e poetas para o ato de amar, poderão, finalmente, compreender a paixão humana, com o cuidado de não ridicularizar, não lamentar e nem de testar os que se entregam com amor a uma determinada causa. E é a

partir dessa consideração que os convido a compartilhar da vida de *ANTÔNIO GRAMSCI*, que apesar dos sofrimentos que passou, da dor que sempre o acompanhou e das injustiças praticadas contra ele, não concebeu os afetos, em nós conflitantes, como vício em que caem os homens por sua própria culpa. (*ESPINOSA, Tratado Político*).

O núcleo de narração que vem a seguir é sobre o homem GRAMSCI, que viveu longos momentos de solidão desesperada e que jamais renunciou à sua coerência moral e intelectual. E mesmo no isolamento do cárcere "existiu em ato" (*MARILENA CHAUI*), isto é, amou.

3 - O AMOR EM GRAMSCI

De início pode parecer estranho trabalhar com a temática amor sob visão de um político marxista. Mas em se tratando de *ANTÔNIO GRAMSCI*, cuja vida foi fecunda e luminosa, escrever sobre sua trajetória; os sentimentos que o marcaram, a originalidade de sua personalidade, a relação com a mãe, o amor não vivido por *Júlia*, a aspiração a uma paternidade viva, transforma-se num ato de extrema beleza e inegável fascínio.

MARX, na verdade, não teorizou sobre o amor, muito embora a palavra paixão apareça, algumas vezes, em sua grandiosa obra. Por outro lado, é freqüente a utilização do adjetivo "leid" (de sofrer), "que vem até mesmo grifado por MARX, que lhe empresta importância" . (*GERD BÖRHEIM*)

Ocorre que em determinado momento da obra de MARX, em outro contexto, é claro, pode-se deduzir alguma preocupação do autor com a questão do desejo, conforme depreende-se a seguir: "*Os homens fazem sua própria história, mas não fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defronta diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado*". (18 Brumário de LUÍS BONAPARTE) A partir da universalidade do pensamento marxiano, não há como não admitir que os homens fazem sua história amorosa nem sempre como desejam, mas sob circunstâncias que se defrontam diretamente ligadas e transmitidas pelo passado.

Faz-se mister, assinalar que, quando MARX empregava a palavra paixão ao tratar da história da vida humana, não fazia referência à paixão ou à vida amorosa. Contudo, sendo um autor que discutia a estrutura última da realidade humana e do seu relacionamento com o mundo, o desejo, a paixão e a questão amorosa não podem passar ao largo na interpretação de determinados momentos de sua obra.

Já ANTÔNIO GRAMSCI levava esta questão da paixão, do desejo e da relação amorosa às últimas conseqüências, principalmente, quando nas "*Cartas do Cárcere*" reconheceu as marcas profundas de um amor não vivido por *Júlia*. Não há como negar a grande paixão que foi para GRAMSCI a política e sua opção revolucionária, mas *Júlia* foi para ele, assim, como uma explosão de amor pela realidade existencial. Somente a partir do momento que descobriu o amor por *Júlia*, GRAMSCI passou a se despojar gradualmente da sua postura taciturna. A política e a opção revolucionária foram o primeiro amor de

ANTÔNIO GRAMSCI, mas *Júlia* foi o seu único grande amor, que na maior parte de sua vida exprimiu-se voltado somente para este amor. A primeira impressão que se tem de ANTÔNIO GRAMSCI é a de sábio carrancudo, destes que não aceitavam o prazer da mesma forma que o amor não está na ordem primeira de suas preocupações. GRAMSCI sofreu e amou. Certamente distingüia o prazer e o sofrimento, mas esta distinção era para ele puramente convencional. Ao contrário de SCHOPENHAUER, para GRAMSCI o prazer não era um estado agradável se não por contraste com estado oposto do sofrimento.

ANTÔNIO GRAMSCI nasceu na Sardenha em 1891. Sua infância foi marcada por uma tragédia que o acompanhou por toda a vida: com quatro anos de idade, ele caiu dos braços de uma doméstica, criando um caroço em suas costas. Mesmo submetendo-se a exercícios dolorosos não conseguiu modificar seu corpo pequeno e corcunda. A deformidade física levou-o a se afastar dos jovens de sua idade e a sofrer a maldade das brincadeiras que faziam do seu corpo. Sentia-se diferente e chorava desconsoladamente por não ser aceito.

Em razão do corpo disforme, GRAMSCI manteve-se arredio á aproximação mais íntima com mulheres, porque sempre tinha a impressão de que estavam zombando dele. Ao mesmo tempo em que rejeitava um contato com as mulheres, preocupava-se com a condição feminina onde "a mulher na família burguesa é escrava".

Nas reuniões dos círculos operários, GRAMSCI passou a abordar o problema da condição feminina, as contradições da vida cotidiana e "projetava novas relações entre homem e mulher na futura

sociedade socialista" . (LAJOLO)

Já inclinado pela infelicidade física a pensar na "impossibilidade absoluta, quase fatal" de ser amado, até mesmo por seus familiares, algumas mulheres chegavam a reconhecer no "estupendo e Interessante companheiro - pequeno, corcunda, uma grande cabeça que parecia não ser dele, o olhar profundo e Inteligente" - um certo fascínio sutil. (MANACORDA e V. DEJOT)

Aos vinte e nove anos de idade, GRAMSCI passou a ter uma relação mais íntima com uma mulher - Pia Carena, secretária do Jornal "L'Ordine. Nuevo". Não obstante a veneração que Pia sentia por GRAMSCI, este, ao contrário, "tinha uma espécie de temor em revelar seus sentimentos mais íntimos, há muito reprimidos. Comportava-se, por vezes, de modo afetuoso, mas assumia freqüentemente uma atitude áspera e irônica, chegando mesmo a parecer uma pessoa seca e má. Tinha necessidade da ternura e da sensibilidade de Pia, de sua dedicação total, que fazia sentir-se inteiramente homem, mas jamais se deixou envolver completamente pelo amor". (LAJOL0)

Muito embora a relação com Pia o tornasse um homem mais Compreensivo, GRAMSCI continuou a ser tendentemente soturno e introvertido. A rigor, somente a paixão e o entusiasmo pelo trabalho político que estava realizando fazia com que amenizasse suas angústias pessoais. Mas para quem decidiu-se viver "todo para o cérebro e nada para o coração", o relacionamento com Pia já foi um grande passo.

As angústias pessoais de GRAMSCI, o caráter introvertido,

a dificuldade em relacionar-se intimamente não se restringiram ao seu corpo disforme. O comportamento familiar teve um grande peso na história de sua vida amorosa. De um lado, a mãe, mulher evoluída e de cultura superior para a época e por quem sempre permaneceu ligado; de outro, o pai, com quem mantinha uma relação difícil, cuja prisão por desfalque foi uma humilhação para GRAMSCI.

O amor quase que doentio pela mãe e o sofrimento que sentia pela prisão do pai são os principais fatos que marcaram a vida política e amorosa de *ANTÔNIO GRAMSCI*. O corpo disforme, a prisão do pai, a solidão marcada pela marginalização humana e política, a morte da irmã, o irmão fascista e o medo da perda dos afetos dos companheiros transformaram GRAMSCI num homem solitário e melancólico. A dor decorrente de alguns fracassos políticos, *"da esperança revolucionária jogada no terreno da utopia, funde-se com a crise individual, com as dúvidas, com a desconfiança em sua capacidade de compreensão política dos eventos"* (LAJOLO) levou GRAMSCI a uma séria crise de depressão.

Neste interregno, GRAMSCI foi indicado representante italiano na executiva da Internacional Comunista em Moscou. Segundo LAUREANA LAJOLO, *"o novo cargo, tão importante, o entusiasmou: completar sua formação política no Interior do governo revolucionário mundial, em contato com os mais prestigiados líderes do movimento, e viver a nova ordem socialista, foram apelos fascinantes para um homem que fez a opção de ser revolucionário profissional"*. Mas o afastamento de Turim, do jornal, dos companheiros operários, dos

amigos, foi intimamente penoso. *Pia* sofreu seu tormento com discricção, não podendo sequer tentar reter ANTÔNIO GRAMSCI com um amor que era suplantado pelo ideal político.

Em Moscou com poucas oportunidades de estabelecer relação de amizade e debilitado pelo "stress" psicológico, GRAMSCI caiu num terrível estado de prostração e foi internado numa clínica para doenças nervosas.

A partir da amizade com uma jovem soviética ali internada, *Eugênia Schucht*, GRAMSCI encontrou, finalmente, o único grande amor de sua vida - a jovem *Júlia*, irmã de *Eugênia*. GRAMSCI sentia crescer dentro dele um profundo amor e se intimidava pois temia não ser correspondido, em face de que o seu corpo disforme a mantivesse afastada. *Júlia*. mulher culta, com autonomia de vida e opções, lembrava a GRAMSCI um pouco de sua mãe, por quem sempre nutriu grande admiração.

GRAMSCI amava de forma terna e arrebatadora, libertando-se da solidão e vivendo por *Júlia* um amor intenso: "*Nada poderá nos separar se nós mesmos não quisermos : eu não quero. Não foi para mim uma coisa simples dizer que gosto de você (...) Minha vida foi sempre uma planície fria, desoladora*".

Com o advento do fascismo, GRAMSCI foi impedido de regressar à Itália, sendo obrigado a se transferir para Viena. Longe de *Júlia*, o amor mais intenso de sua vida, entrou em estado de abandono físico e espiritual. O amor se transformou em sofrimento e fez com que GRAMSCI regressasse "*às crises juvenis, que atormentavam*

sua mente em todos os períodos de profunda solidão".
(LAJOLO)

Para GRAMSCI, o amor não se resumia apenas no aspecto meta_ físico, "deveria ser algo mais, uma colaboração de obras, uma união de energias para a luta, além de uma questão do felicidade: mas talvez a felicidade fosse precisamente isso".

Escreveu longas cartas à *Júlia*, que não lhe respondia com a mesma urgência e assiduidade, impedindo-o de reencontrar uma serenidade de vida. A recordação da felicidade que tivera em Moscou com ela tornava mais intenso o seu desejo: "*Minha querida Júlia (...) teremos de procurar um modo qualquer de estarmos juntos, pensaremos nisso os dois, nos acariciaremos muito todos os dias, ficaremos alegres, loucos, tristes, nós dois*".

De volta à Itália, sem *Júlia*, GRAMSCI guardava o seu sofrimento somente para si, tornando-se um prisioneiro da solidão. Sofria pela ausência da mulher e do filho e sentia-se vazio quando *Júlia* silenciava a respeito de suas cartas: "*Penso em ti, na doçura de te querer bem, de te saber tão perto ainda que tão longe; querida Júlia, mesmo de tão longe o teu pensamento me ajuda a ser mais forte (...) O amor em ti é uma parte grande demais da minha personalidade para que eu seja capaz de me imaginar normal sem tua presença*".

Júlia passava tempos sem dar notícias e GRAMSCI, mesmo depois do nascimento do filho *Délio*, escrevia: "*meu amor por ti é muito forte, muito intenso, sinto que vivo contigo tão unitariamente que não consigo libertar-me dessas fantasias opressoras (...)* E

minha felicidade se sente um pouquinho triste".

As cartas de Júlia em resposta as de GRAMSCI eram cada vez mais raras. Finalmente, oito meses após o nascimento, GRAMSCI conheceu o filho e reencontrou Júlia, em Roma, depois de um ano e meio de separação. Com a chegada da mulher e do filho GRAMSCI *"aspirava manter uma comunhão de vida normal, com Júlia e Délío e a sair de uma espiral neurótica de afetos que comprimia a liberdade do amor deles..."* (LAJOLO) , mas pela primeira vez se perguntou, com angústia, se o amor deles não era *"uma estrela cadente"*.

Grávida novamente, Júlia deixou Roma e retornou à União Soviética onde deu luz a um menino que recebeu o nome de *Giuliano*.

No dia 8 de novembro de 1926, já deputado, GRAMSCI foi preso pela polícia fascista. Na prisão, continuava a escrever cartas apaixonadas à Júlia que passava meses sem responder. Doente, preso, angustiado, rejeitado no seu amor, GRAMSCI manteve-se vivo para escrever a sua grande obra: *"Os Cadernos do Cárcere."*

Enquanto preso, GRAMSCI ficou sabendo que Júlia encontrava-se doente e com sérias crises de depressão. Nessa época, difundia-se, a partir da Alemanha, uma nova teoria chamada **Psicanálise**. A respeito do assunto, GRAMSCI escreveu à Júlia: *"É estranho e interessante que a psicanálise de Freud esteja criando, especialmente na Alemanha, tendências semelhantes as que existiam na França durante o século XVIII, e vá formando um novo tipo de **bom selvagem** corrompido pela sociedade, isto é, pela história. Nasce daí uma forma de desordem intelectual muito interessante"*.

GRAMSCI, um marxista, passou a se interessar pela psicanálise, o que, para a época, era um fato incomum, principalmente, em se tratando de um político revolucionário: *"Tenho lido alguma coisa sobre a psicanálise (...) É possível que Júlia melhore com um tratamento psicanalítico, se a sua doença tem origem puramente nervosa. Eu, porém, creio que mais do que a psicanálise, contará o médico*

que fizer o tratamento; o velho Lombroso com base na psiquiatria tradicional, obtinha resultados surpreendentes que julgo serem devido mais á sua capacidade de médico que a teoria científica (abstrata) . . . É possível que a psicanálise seja mais concreta do que a psiquiatria, ou pelo menos obrigue os médicos a estudar mais concretamente cada paciente de "per si", isto é, a ver o enfermo e não a enfermidade; quanto ao mais, Freud fez como Lombroso, isto é, pretendeu criar uma filosofia geral, partindo de alguns critérios empíricos de observação".

GRAMSCI não foi estudioso da psicanálise, apenas dedicou-se a ela para poder analisar a enfermidade de Júlia. Fez por amor, como tudo que fez em vida.

Mesmo sabendo de Júlia em estado de depressão GRAMSCI continuou a escrever à mulher, iniciando sempre suas cartas com a expressão "minha querida Júlia" e terminando com "abraço-a ternamente".

GRAMSCI ficou preso por dez longos anos. Teve dois filhos sem jamais conhecer um deles. Morreu, logo após sair da prisão, de hemorragia cerebral, resultado derradeiro de todos os terríveis

sofrimentos físicos e morais por que passou nas prisões da Itália. Sua vida foi uma prova de amor à mulher, aos filhos, aos companheiros e à causa socialista. Poucos amaram tanto em tão pouco tempo de vida e liberdade. GRAMSCI morreu na solidão aos quarenta e seis anos de idade.